

cultura: imagens e representações

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 8 . 2008

A Evolução da Cultura Médica
A Revista de Neurologia e Psiquiatria (1888-1889)

José Morgado Pereira

José Morgado Pereira. Chefe de Serviço de Psiquiatria do Hospital Sobral Cid, Assistente Convidado da Faculdade de Medicina da UC e Investigador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

Em 1888 é publicada em Lisboa a Revista de Neurologia e Psiquiatria sob a direcção de Bettencourt Rodrigues (1854-1933). Sairão apenas dois números em 1888 e outros dois em 1889, mas a sua importância e significado são de realçar, numa altura de escasso conhecimento destas especialidades, então muito unidas e ainda sem ensino oficial, em que os trabalhos versando estes temas eram publicados em Revistas Médicas gerais, como o Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa ou a Medicina Contemporânea.

O primeiro número de 1888 abre significativamente com um trabalho um pouco à margem dos temas centrais da revista “Movimentos pupilares, post mortem” da autoria de Sousa Martins (1843-1897), nessa altura um mestre incontestado de toda uma geração de médicos.¹

O artigo seguinte é de Júlio de Matos (1856-1922) com “Responsabilidade criminal dos alienados”, trabalho escrito sob a égide de Herbert Spencer e de uma Moral evolucionista. De acordo com uma antropologia criminal assente em bases positivas, valoriza o papel do médico na análise do alienado criminoso, que os juizes não teriam condições para efectuar.

Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), pedagogo, etnólogo, linguista, escreve sobre “Notas físió-psicológicas sobre a linguagem”. Discute a tese de Gilbert Ballet “Le langage intérieur et les diverses formes de l’aphasie” de 1886 aplaudindo a sua “*abertura à observação interior*” que os positivistas Comtianos quiseram desacreditar, mas considerando insuficientes os seus conhecimentos psicológicos, como o dos médicos franceses em geral quando se ocupam de psicologia, e defendendo a necessidade de correlacionar factos fisiológicos e patológicos com os factos psicológicos e das ciências da linguagem.

Bettencourt Rodrigues publica “Curso livre de Neuropatologia e Psiquiatria”, que é a lição de abertura do segundo curso proferida no Hospital de Rilhafoles. Faz um resumo do primeiro curso (1887) onde desenvolveu o tema da alienação mental desde Pinel até ao presente, desenvolvendo depois as suas principais formas clínicas, com apresentação de doentes, para depois dizer que nesse ano de 1888, começará o curso pelo estudo das localizações cerebrais, enumerando depois os diversos estados patológicos do encéfalo. Enfatiza sempre a falta de ensino oficial da Psiquiatria e Neurologia nas nossas escolas de medicina, e homenageia os princípios e doutrinas das escolas onde fez a sua educação científica em Paris “...*que tanto têm contribuído para os progressos da psiquiatria e da neuropatologia...*”.²

Magalhães Lemos (1855-1931) com “A Electroterapia em Psiquiatria” publica um curioso trabalho onde depois de citar o *Traité d’Electrothérapie* de Erb, considera o valor da electroterapia no tratamento das psicoses e das neuroses, descrevendo depois a aplicação, em dois casos clínicos, de melancolia e acesso maníaco-melancólico, de correntes farádicas (faradisação cerebral, simpático-cervical, parte superior da medula e pele) com excelentes resultados.

¹ Basta a leitura de vários depoimentos contidos no “In Memoriam” para o constatar. Também Bettencourt Rodrigues lhe presta homenagem em “Medicina e Médicos”, lembrando as suas extraordinárias lições.

² Bettencourt Rodrigues faz a licenciatura em Medicina na Faculdade de Medicina de Paris e trabalha com Charcot (1825/93), C. Bouchard (1837/15), seus principais mestres, e ainda com B. Ball (1833/93).

Alfredo Luís Lopes (1853-1937), médico, professor e criminologista com “Febre intermitente de origem nervosa”, discute a existência de febre histérica.

Segue-se noticiário sobre Sociedades Científicas, congressos, casos clínicos, revisão de jornais e revistas inglesas e francesas da especialidade, feitas por Bettencourt Ferreira, Júlio de Matos e Bettencourt Rodrigues.

Mais importante é a notícia de um projecto de lei para a criação de uma cadeira de Neuropatologia e Psiquiatria na Escola Médica de Lisboa, onde é feita referência elogiosa ao discípulo da escola de Salpêtrière e ex-aluno da Faculdade de Paris, assinada por Augusto Fuschini, Consigliieri Pedroso, Mattoso dos Santos e Jacinto Cândido.

No noticiário é referida a saída de um livro de Júlio de Matos e há uma curiosa referência a Magalhães Lemos a propósito do seu concurso para professor, que quando interno na clínica de doenças mentais em Paris, todos os dias se encontrava no mesmo hospital – Sainte-Anne – com Bettencourt Rodrigues.

No Noticiário é referido a propósito do tema Hipnotismo, a condenação pelo Tribunal de Carlsruhe de indivíduo que sem ser médico se entregava à prática de hipnotismo, acrescentando-se que seria conveniente que entre nós se procedesse da mesma forma, pois “...os magnetizadores abundam em Lisboa”.

Também se informa que foi encarregado do serviço de alienados e neuróticos da Casa de Saúde Lisbonense o Dr. Bettencourt Rodrigues, que ali iria montar um Instituto Hidroterápico, cuja falta se fazia sentir em Lisboa.

O segundo número de 1888 abre com um trabalho de Charles Féré (1852-1907), médico de Bicêtre.³ Publica o trabalho “Les douleurs hystériques et la simulation”, servindo-se dos seus próprios trabalhos, do “Traité Clinique et Therapeutique sur L’hystérie”(1859) de Briquet e da obra de Charcot.

António d’Azevedo Castelo Branco (1842-1916), jurista, político e criminologista, na altura sub-diretor da Penitenciária Central de Lisboa, publica “A Antropologia Criminal”, em que defende que o “...Direito Penal deve ficar embebido das doutrinas positivas...”, e então a “...antropologia criminal exercerá o seu domínio na instrução dos processos-crime e na determinação da forma de repressão do delito mais consentânea com os interesses da sociedade...”. A influência de Lombroso é salientada, discordando o autor de Charles Féré que no livro “Dégenerescence et Criminalité” rebate teses de Lombroso quanto à origem atávica do crime.

Júlio de Matos escreve depois sobre “A motivação e premeditação dos actos dos epilépticos”, passando em revista os trabalhos de Legrand du Saulle, Lasegue, Falret e Maudsley. Embora concordando no essencial com estes autores, Júlio de Matos procura mostrar com exemplos tirados da clínica que a ausência de motivo, tal como a ausência de premeditação, “...não são sinais constantes dos actos praticados sob a influência da epilepsia”.

Ferreira Deusdado (1857-1918), pedagogo, cuja obra reflecte ampla formação em filosofia, antropologia e psicologia, e também criminologista, com o trabalho “Da existência psíquica do mundo exterior” critica o “fenomenismo” em nome do neo-criticismo. Apoiando-se na “História do Materialismo” de Lange, aproxima-se mais

³ Charles Féré foi interno de Broca e de Bouchard, e chefe de laboratório de Charcot.

do idealismo através do criticismo neo-Kantiano, embora não esqueça “...*que a experiência fornece a matéria da lei de todo o conhecimento, sem também por um momento desconhecer que o mundo físico fornece a forma, que está indissolivelmente subordinada às categorias do possível e do real*”.

Bettencourt Rodrigues com “A Hemiplegia Histórica, sintomatologia e diagnóstico”, apoia-se em Briquet e no seu livro já referido de 1859, em Charcot e outros clínicos da Salpêtrière, procurando diferenciar estes casos, dos quadros orgânicos.

O médico Cupertino Ribeiro publica “Um Caso de Cardiopatia Histórica”.

Seguem-se Revisões de jornais e revistas, sendo os italianos analisados por Júlio de Matos e os franceses por Bettencourt Ferreira (1866-1936). Júlio de Matos mostra-se especialmente interessado no “*Archivio di Psichiatria, scienze penali ed antropologia criminale*”, dirigido por Lombroso, Garofalo, Morselli e Ferri.

De salientar a publicação de “Organização de Serviços de Alienados” de J. Luciano de Castro, Presidente do Conselho de Ministros. A proposta de lei visava a criação de Hospitais de Alienados em Lisboa, Coimbra, Ilha de S. Miguel, um Asilo no Porto, Enfermarias anexas às penitenciárias centrais e a criação dum “Fundo de Beneficência Pública dos Alienados”.

Segue-se um documento importante, dirigido pelo conselho da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa ao Sr. Ministro do Reino em que se considera que a proposta do curso de Psiquiatria indigitava para Professor pessoa em que não se reunia um conjunto de predicados considerados indispensáveis para o cargo, aliás sendo pessoa alheia à Escola.⁴ Apenas é reconhecido como estando à altura desse cargo António Maria de Sena.

Em 1889, saem também 2 números (2ª série), aparecendo agora no cabeçalho como secretário de direcção J. Bettencourt Ferreira. Diga-se desde já que esta 2ª série é francamente menos rica que a primeira, com menos trabalhos e originais e muito mais noticiário crítico, bibliográfico e sobre congressos e sociedades científicas. Assim, Bettencourt Rodrigues publica “Acidentes histeriformes determinados por um raio à distância” e Bettencourt Ferreira “Perturbações mentais produzidas pelo gás oxicarbonico”. Seguem-se críticas de livros por Júlio de Matos⁵ e Bettencourt Rodrigues e depois notícias de congressos e sociedades científicas. Na página final, surge informação que o nº de páginas em vez de 100-120 vai ser reduzida a 64 por volume, porque “...*a pouca actividade do nosso meio científico, o nº limitadíssimo de médicos que entre nós se ocupam da especialidade e a indiferença do público, por publicações desta ordem, não nos permitem dar a esta nossa revista um maior desenvolvimento*”.

O último número, nº 2/2ª série de 1889, abre com “Um caso clínico de delírio crónico”, por Magalhães Lemos, que comenta e descreve o conceito de delírio crónico de Magnan, autor de quem foi discípulo e com quem trabalhou em França. Cupertino Ribeiro publica “Histeria, Doença de Basedow”, caso clínico tratado com electroterapia prescrita por Charcot, e depois continuada em Lisboa, com a colaboração do médico

⁴ O visado é Bettencourt Rodrigues que há dois anos regia o curso livre de Patologia Mental e Nervosa no H. de Rilhafoles.

⁵ Nesta crítica aponta o livre arbítrio como o inimigo e faz a apologia da doutrina determinista como indispensável para o êxito de qualquer doutrina séria nos domínios da Psicologia e das Ciências Sociais.

Virgílio Machado, experiente nestas terapêuticas. Finalmente um caso de “Miopatia progressiva primitiva” por Bettencourt Rodrigues. Seguem-se informações das Sociedades Científicas, notícia de um congresso de Antropologia Criminal de 1889, em que Bettencourt Ferreira valoriza muito os trabalhos de Ferri e Garofalo. Uma nota curiosa é “A microcéfala Benvinda”, em que Bettencourt Rodrigues historia este caso, que Miguel Bombarda já analisara em 1877 e que depois detalhará no livro “Contribuição para o estudo dos Microcéfalos” de 1894.

Este número termina com a transcrição do novo programa do curso de Anatomia Descritiva regido por José António Serrano, dos capítulos relativos ao ensino da Neurologia.

Terminou assim esta revista que tentou actualizar a cultura médica existente em Portugal, trazendo a Psiquiatria e a Neurologia para um maior conhecimento dos médicos e da opinião pública, procurando actualizar conhecimentos e fazendo a difusão de certos autores dos principais países da Europa e das suas obras.

Percebe-se o peso das filosofias naturalistas, o interesse pela histeria, e pelas obras de Krafft-Ebing, Lombroso, Magnan e Charcot, ou o interesse pelas relações entre Doença Mental e Crime. Sente-se também a importância dada, além dos alienistas, a autores que representavam ciências que se considerava deverem convergir com a Psiquiatria e a Neuropatologia tais como a Biologia, a Psicologia, a Pedagogia, a Antropologia e a Criminologia. Os esforços para a institucionalização da Psiquiatria tinham começado, o atraso do seu ensino era denunciado e os esforços para a difusão de novos saberes científicos iriam acentuar-se.

Bettencourt Rodrigues não conseguirá organizar o curso de Neuropatologia e Psiquiatria na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e também não conseguirá mais tarde ser nomeado director do hospital de Rilhafoles, acabando por emigrar para o Brasil. Alguns dos obstáculos que enfrentou já são evidentes nas páginas da revista. Só depois da implantação da República surgirá o ensino oficial destas matérias.

Fica o pioneirismo de Bettencourt Rodrigues no ensino livre que levou a cabo entre 1887/89 e da revista que dirigiu que merece sem dúvida ser relembrada.

Fontes

Revista de Neurologia e Psiquiatria-1888-1889

BIBLIOGRAFIA

BETTENCOURT, Rodrigues – *Medicina e Médicos*. Lisboa: 1922.

FERNANDES, Barahona – Bettencourt Rodrigues. “O Psiquiatra e a sua obra”. *Jornal do Medico*, 28, n.º 665/1955.

FERNANDES, Barahona – *A Psiquiatria em Portugal*. Lisboa: 1984.

PINTO, Francisco – “Contribuição para a história das ciências neurológicas em Portugal”. *Boletim da S.P.N.* n.º 7/1995.

MARTINS, Sousa – *In Memoriam*. Lisboa: 1904.